

CULTURA E RESISTÊNCIA: O MOVIMENTO DE FANFARRAS EM SALVADOR NA DÉCADA DE 1990

Luiz Claudine Damasceno Santos¹

RESUMO: *O movimento de fanfarras está presente na nossa cidade, entretanto algumas vezes passa despercebido por nossa sociedade. Daí a importância de se estudar o movimento de fanfarras e fazer com que ele ganhe mais visibilidade. Enfim, esta pesquisa se constitui como um grande desafio por conta da lacuna existente na historiografia soteropolitana – ou quem sabe baiana – acerca do tema. Portanto, este trabalho tem com objetivo tentar preencher um pouco desta lacuna.*

Palavras – chaves: Cultura Popular; Resistência; Desafio.

Uma de minhas preocupações acerca da presença das fanfarras na Bahia, mais precisamente em Salvador, e particularmente em meu caso enquanto constituinte de uma delas – a Fanfarras Impacto de Salvador – foi procurar as suas origens. Como o conhecimento de sua existência chegou a Salvador? Que pessoas interessavam-se por elas? Quando ocorreu sua primeira exibição pública? Conforme o Dicionário Grove de Música (1994, p. 311) a “tradição (das fanfarras) remonta à Idade Média”, e segundo Sinésio Almeida (1996, p. 08): “O nome Fanfarras surgiu na França quando Napoleão juntou um grupo de soldados com tambores e cornetas e mandou que eles tocassem anunciando a chegada das tropas”.

Nesse sentido, a presença das fanfarras indica, dentre outras coisas, que há um acontecimento especial ocorrendo no presente momento em que elas se apresentam, o que oportuniza-lhes ganhar visibilidade e também contribuir para abrilhantar o respectivo evento.

Por conta da sua capacidade de atrair o público, enquanto forma de chamar a atenção quando em momentos de grandes eventos sociais, suas repercussões, por consequência, transcenderam as fronteiras da França. E a partir daí foram recriando-se, adquirindo novos significados e ganhando contornos culturais próprios em cada espaço em que foram se estabelecendo.

Embora não seja desprezível a força do movimento de fanfarras no Estado da Bahia, percebe-se que não lhe é dado o merecido valor, como também as suas entidades não são devidamente valorizadas, apesar de as mesmas exercerem, inegavelmente, um papel de relevância no que diz respeito à formação social dos jovens da nossa sociedade.

Particularmente em Salvador, trata-se de um assunto pouco estudado e trabalhado por pesquisadores, talvez por conta de ser considerado pouco relevante para a sociedade. Esta visão resulta em desinteresse e falta de diálogo com as pessoas que estão inseridas no “mundo de fanfarras”, fazendo com que várias questões passem despercebidas aos olhos de quem a vê tão-somente como espectador, a exemplo da disciplina, do respeito ao outro, independentemente da cor da pele, religião, nível de escolaridade, opção sexual, profissão, do trabalho em grupo, ou seja, do trabalho de socialização desenvolvido no âmbito destas fanfarras.

Se prestarmos um pouco mais de atenção, “escovarmos a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225) e analisarmos as entrelinhas deste movimento, há que se perceber o quanto uma

¹ Formação em história com habilitação em Patrimônio Cultural pela Universidade Católica do Salvador – UCSal.
E-mail: lcdacto@hotmail.com.

fanfarra pode trazer de benefícios para a sociedade como um todo, pois de acordo com Pereira (2000, p. 14):

Dessa forma, entende-se a música como prática social, não apenas a sua letra e estruturação musical deslocadas de seu chão histórico, mas, para além do elemento artístico, a música é também a composição, a execução, a sociabilidade, as relações/encontros proporcionados por essa prática social enfocando-se a experiência dos sujeitos ligados à música.

Partindo deste ponto de vista, no tocante à socialização por meio da música, podemos engajar as fanfarras como elemento eficaz para o desenvolvimento desta prática que é construída num contexto de relações sociais que permeiam o cotidiano do “mundo de fanfarras”, porque elas são, antes de tudo, corporações musicais. Constituem conjuntos formados por vários instrumentistas de percussão (bumbo, surdo, caixa, timbal e prato) e sopro (cornetas), ou seja, enquanto um grupo a fanfarra constrói práticas sociais.

Ou seja, ao longo da pesquisa buscaremos desconstruir a imagem criada na cidade de que as fanfarras e seus integrantes constituem um mundo isolado na sociedade, uma vez que constroem relações sociais entre “este mundo” que se propõe a interagir com a sociedade como um todo, atraindo seus membros, incorporando seus elementos ao movimento e, por consequência, devolvendo esse “caldeirão cultural” no momento apoteótico de suas exibições. Salvador é, nesse sentido, espaço constituinte de fanfarras. E estas, por sua vez, também constituem práticas de sociabilidades e identidades próprias no contexto cultural plural de Salvador.

Bastante elucidativo desta questão é o depoimento da diretora do Colégio Estadual Severino Vieira, que diz:

Eu vejo a música como um elemento essencial da vida, não é? Claro e evidente que estamos falando de boas músicas, de letras bem construídas que enviam uma mensagem que ajude na formação da pessoa, que tenha uma expressão, que traga dali uma reflexão. E essa música, como você fala, que é bem expressa através da fanfarra. Você vê que uma fanfarra é um conjunto de pessoas que estão trabalhando com um só objetivo, então aí você trabalha o conjunto, a sensibilidade, a ansiedade, a harmonia, não é? O trabalho em grupo. É uma série de benefícios que traz para o jovem. (ESPÍRITO SANTO, 2005).

Daí, outro aspecto importante é salientar a questão do trabalho em grupo que é desenvolvido dentro das fanfarras, entendendo que trabalhar em conjunto é uma forma de estabelecer relações sociais, já que as atuações de seus integrantes compõem o todo harmônico que é a fanfarra.

À medida que a convivência em grupo aumenta cresce também a sociabilidade de seus participantes devido à percepção de que só se constituirá uma boa fanfarra se todos os seus integrantes sintam-se em harmonia e intercambiem experiências de outras vivências em grupo, o que permite o crescimento mútuo. Isto, por sua vez, possibilita que tornem-se mais flexíveis nas suas posições, mais pacientes e tolerantes uns com os outros, o que acaba aflorando outro sentimento, que é o de companheirismo e alimenta o clima de harmonia e solidariedade.

Contudo, faz-se necessário apontar também os esforços das pessoas que dedicam-se e colocam-se à frente de uma fanfarra, pois fazem um trabalho com inegável seriedade e, porque não dizer, com certo profissionalismo, embora a imensa maioria delas sejam voluntárias.

Portanto, quem participa de fanfarra é porque gosta e tem prazer em fazer parte deste movimento e não esconde a satisfação de estar inserido nesse contexto.

Para elucidar e reforçar ainda mais essa questão vejamos as palavras da professora Marielza Espírito Santo (2005):

(...) as pessoas que se dedicam à fanfarra, eu acho que são pessoas muito apaixonadas, muito comprometidas e talvez por isso essas fanfarras estejam tão belas e maravilhosas, porque elas se dedicam muito, tanto os componentes quanto os instrutores... Eu vejo que a existência dessas fanfarras deve-se a essa dedicação dessas pessoas, a essa paixão que elas têm, sem fins lucrativos nenhum. Elas se entregam demais. Eu acho que daí (vem) a vida dessas fanfarras maior.

Trabalhar com depoimentos orais é muito interessante à medida que conseguimos fazer algumas reflexões a partir do que ouvimos. Elucidativo disto foi o depoimento de dona Sônia Cruz, senhora muito simpática e que falava com alegria e brilho no olhar, reportou-se à minha pessoa enquanto constituinte do movimento de fanfarras com a expectativa de que o interesse pelo tema não perca força dizendo que: “(...) você pode ajudar, como uma pessoa que gosta do movimento, que é apaixonada, porque a gente é apaixonado né? Tudo doido. Então como uma pessoa que gosta do movimento e participa, tem mais condições de convencer às outras de como é de verdade participar” (CRUZ, 2007).

Parece, no primeiro momento, que tal passagem é meio vaga, porém “em uma frase compreende-se o sentido de uma palavra à medida que tomamos sua relação com toda a frase; inversamente, compreende-se o sentido da frase à medida que compreendemos o sentido das palavras” (ALBERTI, 2005, p. 189). Durante a entrevista percebia-se que as recordações acerca de um passado vivido eram bastante prazerosas e se referir às pessoas que gostam e participam de fanfarra chamando-as de “tudo doido” significa, em outras palavras, que ainda continuam a ser – aqueles que permanecem no movimento – pessoas que têm prazer em estar nas fanfarras. Pessoas que ousaram fazer o “diferente”. Quebrar conceitos formais e convencionais do que é trabalho e lazer. Desafiar pré-conceitos quanto ao que é “aceito e bem visto” pelos demais cidadãos de Salvador. A expressão utilizada evidencia, em termos próprios, a “paixão de ser fanfarrista”.

Fica explícito nesses depoimentos a paixão e dedicação daqueles que constituem a fanfarra. E são também constituídos por ela, uma vez que, ser um de seus membros, não deixa de trazer à tona um sentido próprio de ser na comunidade/sociedade.

Embora atuantes, praticamente durante todo o ano, as fanfarras – de Salvador – só são reconhecidas e ganham visibilidade nas datas cívicas, a exemplo do Dois de Julho, que é quando, enfim, as tropas brasileiras expulsaram os últimos soldados portugueses e as fanfarras participam das comemorações da independência da Bahia, e Sete de Setembro, e, dessa forma, já constituem presença marcante nos festejos onde a memória desses fatos históricos é recriada na cidade.

Vale lembrar que especialmente na saída e retorno dos Caboclos ao bairro da Lapinha, é tradicional que boa parte da população que se faz presente no evento acompanhe o cortejo embalado pelo som ritmado das fanfarras. Presença marcante do som produzido pelas fanfarras pode ser observada nas palavras de uma espectadora no desfile de Dois de Julho de 1998, onde dona Inalva Duarte diz que “todo ano sei a hora que o desfile chega aqui (no Pelourinho) pelo som das fanfarras” (A TARDE, 1998, p. 03).

Diferentemente de Salvador, em outras cidades da Bahia as fanfarras estão mais presentes no dia-a-dia da população. Praticamente nenhum acontecimento que tenha importância nessas

idades passa despercebido para que as fanfarras se manifestem e atuem marcando a sua presença no evento.

Porém devemos ressaltar que, além de simultaneamente estarem tocando para animar os espectadores e observadores do evento, os membros das fanfarras precisam se dar conta de que naquele momento os mesmos emergem enquanto elementos ativos da história, assim como os meios de comunicação, mesmo que a contragosto, devem observar esta questão também.

É nesse sentido que entendemos a importância desses grupos musicais ganharem mais visibilidade na cidade, pelo que podem contribuir na formação de valores ético-sociais possibilitando a construção de uma consciência social. Os valores formados como solidariedade, respeito ao próximo, a consciência de seus direitos políticos e sociais. Dessa forma – acreditamos – as fanfarras de Salvador deram e darão grande contribuição no sentido de, até mesmo, desviarem muitos jovens dos chamados “grupos de riscos” presentes na cidade.

Vejamos então outra passagem do depoimento de dona Sônia Cruz (2007) que pode ajudar na compreensão da questão acima:

Olhe, eu acho que o movimento de fanfarra ajudou muita gente, assim, pelo menos das camadas mais inferiores, financeiramente, as pessoas que, aqueles meninos que não têm dinheiro pra tá em Shopping, tá em cinema e clube e tal, essas pessoas elas deixaram muito de ir para o outro lado da vida enquanto no movimento de fanfarra. Eu acho que a fanfarra ela direciona muito, não sei se por causa da música, não sei se por causa da companhia né? de outros jovens com outros pensamentos, ela (a fanfarra) consegue tirar muita gente, assim, que podia tá aí no meio das drogas, fazendo porcaria, fazendo besteira, eu acho que a fanfarra faz muito isso.

Apesar do que se observa até o momento, ainda é comum entre os que participam de fanfarra a expressão “mundo de fanfarras”, já que só os próprios membros das corporações viveram, vivem e sabem o que se passa no movimento, enquanto parte da população ainda não tem a oportunidade de ver uma fanfarra desfilar, muitas vezes, por falta de informação ou mesmo por falta do hábito de participar desses eventos – comemorações cívicas – e por isto desconhece esse movimento. Tal situação, às vezes, pode chegar ao ponto de algumas pessoas nem saberem o que é uma fanfarra.

Explícito dessa situação foi o episódio ocorrido na Biblioteca Central, mais precisamente no setor de artes que fica no terceiro andar. Ao dirigir-me a uma das atendentes e solicitar algum material que tratasse do assunto, por um instante ela parou e ficou em silêncio, com a palma da mão direita sob o queixo e o indicador sobre os lábios, depois exclamou: “fanfarras... o nome não me é estranho”.

Este episódio é emblemático de como as fanfarras inscrevem-se na cultura da cidade e ainda é pouco divulgada. Ou, quem sabe, por discriminação, fruto de um comportamento elitista, algumas pessoas considerarem de “bom tom” fingir que desconhecem o movimento?

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da história*. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005.

ALMEIDA, Antonio S. *O que é fanfarra?* Salvador, s/ed., 1996.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed, São Paulo, Brasiliense, 1994.

Dicionário Grove de Música. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

PEREIRA, Simone L. *História e música: algumas considerações*. In: Cadernos de história. Ano I, nº 1, Universidade Cruzeiro do Sul, Junho de 2000.

FONTES

Orais

Marielza Espírito Santo. Diretora do Colégio Estadual Severino Vieira, residente em Salvador. Entrevista realizada em 25/05/2005. 30 min.

Sônia Maria da Cruz Santos. 53 anos de idade, coordenadora da Fanfarra Musical Dragões da Bahia. Entrevista realizada em 26/05/2007. 40 min.

Escritas

A Tarde, julho de 1998.